

O Mágico Que não  
Acreditava em Magia

PEDRO VIEIRA

# O Mágico Que não Acreditava em Magia

*Pergaminho*

**E**nquanto a noite se abatia sobre o deserto, Peter mantinha o olhar desfocado, típico de quem aproveita para contemplar as questões profundas da vida ao conduzir nas longas e monótonas estradas do Vale da Morte. Ao viajar pela Califórnia, sentiu-se atraído, vá-se lá saber porquê, pela mítica travessia da extensa zona árida que o levaria até ao Nevada. Com trinta e cinco anos feitos há pouco, achou que uma semana ao volante em terras do Oeste seria a forma ideal de voltar a sentir que a sua existência tinha um rumo. Bem, para ser totalmente honesto, Peter nunca havia realmente sentido o chamamento de um caminho claro ou a certeza de um destino ideal. A consciência de que faltava alguma coisa, aliás, só havia tomado conta dos seus pensamentos pouco tempo antes, quando, arrastado por um amigo, tinha assistido a uma palestra que o lançara num vórtice de perguntas desacompanhadas de respostas. Ainda se lembrava claramente do olhar de gozo que lançou ao tal amigo quando este lhe perguntou se o queria acompanhar a um evento de «desenvolvimento pessoal»... A ideia pareceu-lhe tão bizarra que acabou por ir, secretamente preparado para se divertir com a ingenuidade das pessoas que acham que podem aprender coisas importantes sobre a vida enquanto ouvem uns tipos convencidos a falar. O que aconteceu, porém, foi simultaneamente estranho e mágico. E trouxe-o até estas desoladas terras, as mais baixas, secas e quentes da América do Norte.

O amigo, um tipo que conhecera quando era mais jovem, tinha voltado a entrar recentemente na sua vida e de forma curiosa.

Numa bela noite de verão, enquanto se dirigia ao centro comercial da moda, sem saber muito bem porquê, começou a pensar nos rapazes com quem se dava quando era mais novo. Para sua estupefação, quando pensou num deles, este apareceu, como que por magia, nas escadas rolantes! O amigo acenou e fez-lhe sinal para esperar por ele no cimo das escadas. «Que estranha coincidência», pensou. Abraçaram-se, falaram um pouco e lá surgiu o tal convite para o evento, que aconteceria dois dias depois.

Quando chegou ao local combinado, para sua grande surpresa, encontrou umas largas centenas de pessoas. Na realidade, até se misturava bastante bem no seio deste grupo. Como tinha esperado encontrar algo parecido com uma seita religiosa, ficou agradavelmente surpreendido e ligeiramente menos desconfortável. Dirigiu-se às mesas de credenciação, onde várias pessoas entregavam bilhetes de acesso à sala de conferências. Não sabia muito bem o que dizer, pelo que acabou por balbuciar o nome do amigo e dizer que havia sido convidado por este. Para seu espanto, a rapariga que o atendeu abriu um sorriso rasgado.

– Ah, Peter, certo? – indagou de forma simpática, olhando Peter nos olhos. – Já estávamos à sua espera! Aqui tem o seu bilhete, espero que se divirta e encontre aquilo que o trouxe até cá.

Aquilo que o havia levado até àquele local? Bem, aí estava uma pergunta para a qual não tinha nem sequer uma divagação, quanto mais uma resposta! Hesitou antes de aceder à sala, ainda faltavam alguns minutos para começar e não conseguia ver o amigo em lado nenhum. Foi até à casa de banho, mais para passar tempo do que por real necessidade. Muitas pessoas no átrio pareciam decididas e entusiasmadas. Nunca havia gostado de pessoas que mostravam estar confortáveis em ambientes sociais, talvez por ele próprio não o conseguir fazer. Refugiou-se num daqueles convenientes habitáculos na casa de banho apenas para se poder sentar e respirar fundo. «Ainda estou a tempo de ir para casa», pensou. Ouviu vozes animadas de dois homens que haviam entrado nesse preciso momento na casa de banho. Percebeu que falavam com expectativa sobre o evento. Um deles conhecia os oradores de

anteriores ocasiões e dizia ao outro que ele ia adorar perceber como era fácil alterar as suas emoções e atingir melhores resultados. Pareceu-lhe tudo tão estranho que decidiu esperar que os homens saíssem antes de abrir cautelosamente a porta, lavar as mãos, revirar os olhos para si próprio quando se encontrou ao espelho e sair da casa de banho com um audível suspiro.

Entrou na sala e experimentou considerável desconforto com aquilo que viu. Muitas pessoas, a rondar talvez o milhar, batiam palmas ao som de uma música da moda, incentivadas por mais de uma dezena de membros da organização em cima do palco. Se havia coisa de que não gostava era da ideia de ter de fazer alguma coisa em público, como cantar ou dançar. Escolheu um lugar na zona mais discreta da sala e deixou-se afundar na cadeira. Dentro de si, os pensamentos de «o que estou aqui a fazer» assaltavam-no sem descanso. Ainda pensou que talvez conseguisse dormir quando as palmas parassem, o que o animou a deslocar-se para a última fila da sala, onde a luminosidade era inferior e praticamente ninguém o veria durante o evento. «Perfeito», confortou-se.

O apresentador tomou conta do palco e começou imediatamente a fazer algumas perguntas à audiência. «Quem já esteve connosco antes?» Levantaram-se umas centenas de mãos e ouviram-se muitas palmas. Parece que quem participava, gostava e voltava. «Afinal parece que ainda não descobriram o que lhes foi prometido», murmurou Peter, «pode ser que ainda saiam daqui umas boas histórias para contar na empresa!» A melhor delas estava prestes a acontecer... O apresentador anunciou o currículo do primeiro palestrante da noite, Peter conseguiu aperceber-se da agitação no público, distraiu-se momentaneamente com uma atraente rapariga que, a três ou quatro cadeiras de distância, se levantou para aplaudir efusivamente, e quando deu por ela já o seu amigo estava no palco. Sim, o seu amigo, nem podia acreditar no que os seus olhos viam, era mesmo ele! Demorou alguns instantes a adaptar-se à ideia, o tipo devia ter a idade dele, como tinha chegado ali? Ainda a recuperar da surpresa, deixou que as primeiras palavras chegassem até si e, como mais tarde contaria,

«a magia aconteceu». Não sabia porquê ou como, apenas sabia que aquelas palavras ecoaram dentro de si, como se há muito as tivesse ouvido e agora as relembresse. Da boca do amigo saiu a frase, nas costas do bilhete de Peter ficou escrita: «Se pudesses escolher o teu destino, qual seria?»

Teve de confessar a si próprio que saíra daquele evento a sentir-se diferente. Não sabia explicar muito bem a sensação, era talvez um misto de excitação e confusão. Quase como se não soubesse se se sentia bem ou mal. Depois de alguns minutos de celebração em que, com toda a equipa da organização em cima do palco, a audiência aplaudiu ruidosamente, Peter dirigiu-se à saída. Uma das pessoas que se tinham sentado ao seu lado durante as quase duas horas de palestras falou-lhe pela primeira vez, perguntando se tinha gostado. «Sim, mas...», foram as primeiras palavras que lhe saíram. De facto, tinha gostado e, simultaneamente, parecia que lhe tinham tocado em alguma ferida ou ponto desagradável. Conduziu vagarosamente até casa, entrou fazendo pouco barulho para não acordar as crianças e deitou-se em silêncio junto à mulher, que parecia dormir profundamente. Não lhe apetecia falar, apenas dormir e dar algum descanso à sua mente, que se debatia ainda com a questão escrita no bilhete e que contemplou uma última vez quando esvaziou os bolsos. «Escolher o meu destino... isso é que era bom», pensou antes de partir para a terra dos sonhos.

**A**cordou com o filho mais novo a fazer-lhe festas e a perguntar se era dia de escola. Esfregou os olhos e sorriu ao lembrar-se de que era sábado. «Não, filho, hoje não há escola e o papá não vai trabalhar.» Dirigiu-se à casa de banho. A meio do caminho, parou, lembrando-se do sonho que havia povoado a sua noite. Estava numa importante reunião de trabalho e era subitamente interrompido por um colega que lhe dizia que um índio estava à sua espera com uma questão urgente. Surpreso, foi ter com o inesperado visitante, que lhe fez uma pergunta repetidamente: «Qual é o destino que vais escolher?» Enquanto punha a água do chuveiro a correr, abanava a cabeça, algo desiludido com a pouca imaginação do seu inconsciente, «Esta do índio não é muito original». O mais estranho é que o índio era definitivamente parecido com alguém que conhecia, apesar de não conseguir recordar quem. Entrou na cabine do chuveiro, deixou a água quente escorrer pelo corpo e tomou uma decisão: «Hoje vou ligar ao meu amigo e convidá-lo para um café!»

Quando chegou à esplanada onde tinha combinado encontrar-se com o amigo, Peter teve um momento de súbita inquietude, recordando os acontecimentos dos últimos dias: o acidental reencontro, o inesperado convite, a inédita presença num evento do género, a surpresa de ver o amigo no palco, o ímpeto do telefonema daquela manhã e o rápido aceitar por parte do amigo. E ali estava ele agora, a acenar a Peter de uma das mesas junto ao areal. Cumprimentaram-se, Peter sentou-se e durante alguns instantes não soube muito bem o que dizer. Ele que sempre fora tão lógico

e racional tinha a sensação de que algo de importante iria sair daquela conversa, um nervoso miudinho percorria-o. Pediu um café e recostou-se, pronto a ouvir atentamente, após ter perguntado ao amigo como tinha ele ido parar acima daquele palco! Algumas breves frases, algo vagas, e rapidamente o foco da conversa estava já na vida de Peter. O amigo parecia mais interessado em saber sobre como Peter se sentia do que em falar sobre os seus aparentes sucessos. «Talvez não seja assim tão famoso», considerou Peter, após o que se atrapalhou um pouco a falar sobre as suas emoções. Surpreendentemente, uma simples pergunta deixou-o em terreno pouco seguro. Habitualmente não pensava muito sobre como se sentia, e agora que o fazia, percebeu por fim o desconforto que havia experimentado no evento. Peter não estava satisfeito com a sua vida e até este momento tinha fugido desse confronto. Que revelação para uma tarde de sábado, ainda bem que estava a ser acompanhada pela brisa marítima e pelo olhar compreensivo do amigo. Era quase como se, mesmo antes das frases meio desordenadas de Peter terem revelado a sua insatisfação, o amigo já se tivesse apercebido disso. Peter sentiu-se observado de uma forma diferente da habitual, era quase como se o foco ocular do amigo estivesse concentrado em alguém atrás de Peter, atravessando-o em profundidade. E o mais curioso, pensou Peter, era que esse olhar não o deixava desconfortável. Pelo contrário, fazia-o sentir-se apoiado e suportado.

Durante quase duas horas, Peter foi falando sobre a longa carreira numa multinacional, o seu decrescente interesse nas mais de dez horas de trabalho diário, sobre a mulher e a relação esfriada pelos mútuos afazeres profissionais e as cada vez mais frequentes discussões domésticas, os dois filhos pequenos com quem tinha uma relação não mais do que satisfatória, a falta de tempo para o exercício e os *hobbies* que não tinha... Falava enquanto se sentia a entrar numa espécie de redemoinho que girava cada vez mais rápido. Acabou por murmurar várias vezes seguidas «não sei, não sei», e enterrar a cabeça nas mãos. De repente começou a aperceber-se de que, de facto, nada estava a funcionar realmente bem na



sua vida. Logo ele, que tinha crescido com uma forte confiança na sua capacidade de raciocínio, na sua habilidade para qualquer tipo de competição, certo de que o sucesso o esperava. E agora, perante as perguntas argutas do amigo, parecia que tudo ruía como um baralho de cartas. Ficou com vontade de sair dali e deixar este confronto para outra ocasião, olhou duas vezes para o relógio à procura de uma desculpa. O amigo, uma vez mais, aparentemente leu os seus pensamentos, indagando de forma pausada e articulada: «Se pudesses escolher agora o teu destino qual seria?»

Deixou escapar uma pequena gargalhada, ao reconhecer a pergunta da palestra da noite anterior. O amigo arregalou os olhos, com um proeminente movimento das sobrancelhas, como que a mostrar que aguardava uma resposta, e fez um pequeno gesto com a mão direita incentivando-o a falar. Peter não conhecia muitas pessoas que conseguissem com tão poucas palavras e gestos precisos fazê-lo sentir-se obrigado a responder às suas solicitações.

– Não faço a mínima ideia, estou mesmo cheio do meu trabalho... – desculpou-se Peter.

– Eu sei que não fazes a mínima ideia, mas se fizesses, qual era? – perguntou o amigo, dirigindo a Peter a palma da mão direita voltada para cima.

– Talvez passar mais tempo com a família e tornar-me um pai que os meus filhos vissem como fantástico...

– Boa, e que mais? – incentivou o amigo.

– Recuperar a relação com a minha mulher até ser o que era quando nos casámos... – respondeu Peter, enquanto parecia recordar imagens do seu passado.

– Ótimo, vejo que estás a ficar mais entusiasmado, mantém esse sorriso enquanto continuas a responder! – o amigo mostrava progressivamente mais entusiasmo e falava cada vez mais rápido, como que a induzir também um aumento de velocidade nas respostas de Peter.

– Viajar pelos Estados Unidos, claro, sempre quis fazer isso. E também aprender sobre como comunicar melhor, e talvez tornar-me depois professor de comunicação...

Sinceramente, não sabia de onde tinha saído esta última frase. Foi quase como se outra pessoa se tivesse exprimido usando a sua boca, tal a surpresa das palavras que se ouviu a proferir. E a verdade é que, de onde quer que tivesse vindo, a ideia soube-lhe bem. «Passa pelo meu escritório na segunda-feira por volta das seis, tenho umas coisas que te vão ajudar», disse o amigo, antes de se despedir alguns minutos depois. Mais uma vez, Peter deu por si a aceitar a sugestão do amigo com naturalidade e uma ponta de entusiasmo. Decidiu ficar mais um pouco na esplanada e pensar como em pouco tempo tinha passado por uma montanha-russa emocional, do duro confronto com a realidade ao entusiasmo da conversa sobre o destino. «Definitivamente, apareço na segunda para ver onde isto leva», prometeu a si próprio, ao mesmo tempo que decidia não contar para já nada à mulher, pois nem saberia como explicar o estranho encontro.

Depois de um domingo em que se lançou na habitual rotina de almoço de família e tarde sedentária, quando chegou à noite sentou-se com o portátil no colo e resolveu pesquisar o nome do seu amigo no Google. As referências eram tantas que se perguntou como é que era possível não ter dado com ele mais cedo. Começou pelo *site* pessoal e avançou depois para o visionamento de alguns vídeos e leitura de artigos. Nem tudo era óbvio, além de estar escrito num estilo diferente das leituras sobre gestão que costumava fazer. Ficou medianamente interessado em saber mais sobre alguns dos assuntos, embora tivesse encontrado muitos comentários de pessoas que pareciam seguir o trabalho do amigo e escreviam sobre transformações pessoais, o que lhe pareceu meio histórico e ao estilo de uma seita ou algo parecido. «Bem, logo se verá amanhã o que o tipo tem para mim!»